

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
CAMPUS ARAPIRACA
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

ANTÔNIO FÁBIO COLATINO FERREIRA

ANÁLISE DOS ASPECTOS INTERTEXTUAIS EM CHARGES MIDIÁTICAS

ARAPIRACA/AL
2018

ANTÔNIO FÁBIO COLATINO FERREIRA

ANÁLISE DOS ASPECTOS INTERTEXTUAIS EM CHARGES MIDIÁTICAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Universidade Federal de Alagoas – UFAL, *campus* Arapiraca como exigência parcial para obtenção do grau de graduado em Letras – Língua Portuguesa (licenciatura)

Orientador: Prof. Dr. Deywid Wagner de Melo

ARAPIRACA/AL
2018

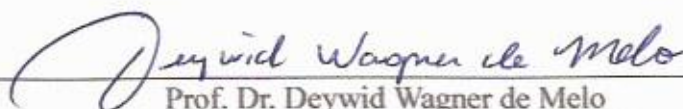
Antônio Fábio Colatino Ferreira

ANÁLISE DOS ASPECTOS INTERTEXTUAIS EM CHARGES MIDIÁTICAS

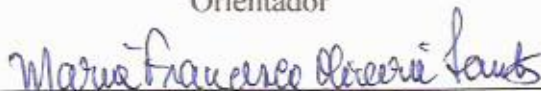
Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Curso de Letras: Língua
Portuguesa da Universidade Federal de
Alagoas – UFAL, *Campus* de Arapiraca,
como requisito parcial para obtenção do
grau de graduado em Letras.

Data da aprovação: 20 / 12 / 2018

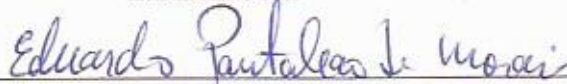
Banca Examinadora



Prof. Dr. Deywid Wagner de Melo
Universidade Federal de Alagoas - UFAL
Campus Arapiraca
Orientador



Prof. Dr. Maria Francisca Oliveira Santos
Universidade Federal de Alagoas - UFAL
Campus Arapiraca
Examinadora



Prof. Me. Eduardo Pantaleão de Moraes
Universidade Estadual de Alagoas - UNEAL
Campus Arapiraca
Examinador

ANÁLISE DOS ASPECTOS INTERTEXTUAIS EM CHARGES MIDIÁTICAS

Deywid Wagner de Melo¹
Antônio Fábio Colatino Ferreira²

RESUMO: Este trabalho trata dos aspectos intertextuais no gênero textual charge midiática. O objetivo geral da pesquisa é analisar esses aspectos intertextuais nesse gênero conceituando intertextualidade e interdiscursividade, investigando o interdiscurso como um diálogo amplo entre discursos que se dispensam e se entrecruzam para construir efeitos de sentido no/para o gênero discursivo, e evidenciando que a mídia, por meio do uso de textos chárgicos, realiza todo um trabalho de antecipação de práticas de retomada, de transformação e de reformulação dos acontecimentos discursivos e de seus conteúdos. Fundamenta-se em Charaudeau (2004), Fiorin (2003), Jenny (1979), Marcuschi (2004), Valente (2002), entre outros. A metodologia empregada no referido artigo é de natureza qualitativa interpretativa com a constituição do corpus por meio da internet. As análises apontam que a charge se constitui pela intertextualidade, sendo o tipo mais recorrente a intertextualidade externa implícita. Este trabalho pode ajudar a contribuir para que os sujeitos possam observar a charge como um gênero que, de fato, desperta o senso crítico, levando-se a refletir os diversos temas tratados, de ordem social, ideológico e político.

Palavras-chave: Aspectos intertextuais. Charge midiática. Gênero textual.

1 INTRODUÇÃO

A era da informação e comunicação possibilitou uma nova visão acerca das metodologias de aprendizagens, fazendo com que os professores reflitam sobre o ensino com informações e conhecimentos prontos e acabados, gerando um desafio para o educador buscar integrar-se com as tecnologias e os diversos contextos divulgados na mídia, criando meios de ensino que incentivem e motivem os discentes e, conseqüentemente, tornem-se alunos mais bem capacitados, autônomos, críticos e reflexivos, futuros profissionais éticos e responsáveis.

Os professores da Língua Portuguesa devem ampliar o conhecimento dos alunos, usando recursos midiáticos que, por sua vez, têm possibilitado o fácil acesso às mídias e aos aparelhos tecnológicos, ampliando seus horizontes.

Diante desse contexto, o gênero discursivo charge midiática surge como uma ferramenta importante no ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa, uma vez que organiza diferentes textos e/ou discursos que circulam na mídia, produzindo efeitos de sentido responsáveis pela constituição do discurso humorístico que incentiva e motivam os alunos de forma diferenciada na aprendizagem da Língua Portuguesa e criam meios para os alunos se posicionarem diante dos diversos contextos vistos nos meios midiáticos.

O objetivo geral da pesquisa é analisar os aspectos intertextuais em charges midiáticas. E, especificamente, são: conceituar e diferenciar intertextualidade e interdiscursividade; investigar o interdiscurso como um diálogo amplo entre discursos que se dispensam e se entrecruzam para construir efeitos de sentido no/para o gênero discursivo; evidenciar que a mídia por meio do uso de textos chárgicos realiza todo um trabalho de antecipação de práticas de retomada, de

¹ Professor Dr. Deywid Wagner de Melo

² Antônio Fábio Colatino Ferreira

transformação e de reformulação dos acontecimentos discursivos e de seus conteúdos.

A metodologia de pesquisa adotada é de natureza qualitativa. O corpus da pesquisa é constituído por, pelos menos, 20 charges retiradas na internet, sendo escolhidas para análise quatro entre elas. A seguir, serão tratados os tópicos: intertextualidade e interdiscursividade, depois intertextualidade mais especificamente e a noção de gênero textual, na sequência o gênero charge midiática, os aspectos metodológicos e, finalmente, as quatro análises de charges, as considerações finais e referências.

2 INTERTEXTUALIDADE E INTERDISCURSIVIDADE

Neste tópico, trataremos sobre os conceitos de intertextualidade e interdiscursividade, mostrando suas diferenças.

Para Orlandi (2001), deve-se distinguir intertexto de interdiscurso, a intertextualidade combina os elementos verbais e não-verbais para a estruturação da mensagem, construído a partir da relação entre texto e texto, já o interdiscurso é o que vai explicitar a intenção crítica, de forma irônica, a respeito de um fato mostrado na mídia, seja em jornal ou revista de um acontecimento do cotidiano do leitor, conectando todo texto com todos os enunciados ou discursos ordenados ideologicamente e registrados na correspondente cultura.

Vigner (1988, p. 32) complementa, ressaltando a importância do fenômeno da interdiscursividade e da intertextualidade como fator essencial da legibilidade do texto: “Só é legível o já lido, o que pode inscrever-se numa estrutura de entendimento elaborada a partir de uma prática e de um reconhecimento de funcionamentos textuais adquiridos pelo contato com longas séries de textos”.

O interdiscurso é todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos. Para que minhas palavras tenham sentido, é preciso que elas já façam sentido. E isso é efeito do interdiscurso: é preciso que o que foi dito por um sujeito específico, em um momento particular, se apague na memória para que, passando para o “anonimato”, possa fazer sentido em “minhas” palavras. (ORLANDI, 2001, p. 33).

Fiorin (2003) define a Intertextualidade como “um processo de incorporação de um texto em outro, seja para reproduzir o sentido incorporado, seja pra transformá-lo”, e vê a interdiscursividade como “o processo em que se incorporam percursos temáticos ou figurativos, temas e/ou figuras de um discurso em outros.” Conclui que a Interdiscursividade não implica a Intertextualidade, “embora o contrário seja verdadeiro, pois, ao se referir a um texto, o enunciador se refere, também, ao discurso que ele manifesta.” (FIORIN, 2003, p. 35).

Para Charaudeau e Maingueneau (2004; p. 288-289), a intertextualidade

designa ao mesmo tempo uma propriedade constitutiva de qualquer texto e o conjunto de relações explícitas ou implícitas que um texto ou um grupo de textos determinado mantém com outros textos. Na primeira acepção, é uma variante da interdiscursividade.

Verificamos a perspectiva desses autores acerca da diferença entre intertextualidade e interdiscursividade. Nesse trabalho, busca-se a materialidade textual no gênero charge, sendo assim, o estudo é direcionado às abordagens da intertextualidade.

3 INTERTEXTUALIDADE

De acordo com Reyes (1984), o requisito indispensável para o funcionamento discursivo é a intertextualidade junto com a intencionalidade comunicativa. “Todo o texto constrói-se como mosaico de citações, todo o texto é absorção e transformação de um outro texto” (REIS, 1995, p. 184).

Charaudeau e Maingueneau (2004, p. 290) distinguem quatro tipos de intertextualidade:

Intertextualidade interna – é aquela que ocorre entre um discurso e aqueles do mesmo campo discursivo. Laurent Jenny considera a Intertextualidade Interna aquela em que o autor cita a si próprio.

Intertextualidade externa – é aquela que ocorre com os discursos de campos discursivos distintos. Nesse caso Laurent Jenny diz que a Intertextualidade Externa é aquela em que o autor cita outro(s) autores(s).

Intertextualidade explícita – quando ocorre a citação na íntegra de verso(s), provérbio e fragmentos de texto.

Intertextualidade implícita – ocorre quando há citação parcial, modificada.

De acordo com Valente (2002, p. 181), “a Intertextualidade Externa é mais utilizada que a Interna e a Implícita tem mais complexidade que a Explícita”. Laurent Jenny acrescenta (1979, p. 14) que, “[...] a intertextualidade designa não uma soma confusa e misteriosa de influências, mas o trabalho de transformação e assimilação de vários textos, operado por um texto centralizador, que detém o comando de sentido”.

Esse artigo adotará os conceitos de intertextualidade e sua tipologia anteriormente apontados bem como acrescenta o conceito de Fiorin (2003) que diz que a intertextualidade é um texto verbal ou não-verbal que incorpora outro texto, seja interno ou externo, implícito ou explícito.

4 A NOÇÃO DE GÊNERO TEXTUAL/DISCURSIVO

Há várias definições de gênero textual conforme a perspectiva teórica, Marcuschi (2008) apresenta as linhas de estudo dos gêneros e suas atuações nas universidades, quer sejam no Brasil ou fora do país. Este trabalho situa-se na linha bakhtiniana, subsidiada na perspectiva da língua como atividade de interação e, portanto, fundamentada no conceito de gênero como enunciado relativamente estável que apresenta uma estrutura composicional, conteúdo e estilo.

Para Marcuschi (2002, p. 22), gêneros textuais são:

realizações linguísticas concretas definidas por propriedades sócio-comunicativas; constituem textos empiricamente realizados, cumprindo funções em situações comunicativas; sua nomeação abrange um conjunto aberto e praticamente ilimitado de designações concretas determinadas pelo canal, estilo, conteúdo, composição e função; exemplos de gêneros: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, aula expositiva, romance, reunião de condomínio, lista de compras, conversa espontânea, cardápio, receita culinária, inquérito policial etc.

Os gêneros textuais são, nesse sentido, estruturas textuais peculiares que surgem dos tipos de textos: narrativo (romance, novela, crônica, contos de fada, lendas, fábula), em que apresentam ações de personagens no tempo e no espaço; descritivo (diário, relatos, biografia, notícia, currículo, lista de compras, anúncios), esses se ocupam de relatar e expor determinada pessoa, objeto, lugar, acontecimento; dissertativo-argumentativo (são aqueles encarregados de expor um tema ou assunto por meio de argumentações); expositivo (são os textos em que expõem determinada ideia, por meio de uma descrição, conceituação, definição, informação) e injuntivo (é um texto instrucional, com verbos no imperativo, indicando uma ordem, de modo que o emissor objetiva orientar e persuadir o receptor).

Portanto, compreender o gênero textual é de suma importância para se construir um texto com qualidade, para escolher o gênero textual adequado é necessário considerar a finalidade, a função e o contexto, essencial no dia a dia, na comunicação, em todas as áreas, em concursos, em provas escolares, na área acadêmica ou na vida profissional.

5 O GÊNERO CHARGE MIDIÁTICA

A charge é um texto que pode ser extraído de um outro texto jornalístico ou de revista, aliando a linguagem não-verbal e verbal para criar humor e crítica em relação ao fato do cotidiano da população.

A finalidade da charge é fazer uma reflexão acerca de fatos políticos relevantes e de grande repercussão, desenhando o acontecimento de acordo com a sua visão dos fatos, fundamentado em um repertório de conhecimento público, permeado por personagens e fatos reais, com o humor refletindo ou refratando a realidade, quanto a sua finalidade educacional. A charge faz com que os sujeitos reflitam sobre o fato, interpretem e opinem e, dessa forma, desenvolvam sua leitura, interpretação e sua criticidade.

Serge Moscovici (2003) faz uma reflexão acerca dos condicionamentos mentais socialmente construídos e da problemática da representação nas charges:

Eu quero dizer que elas [representações sociais] são impostas sobre nós, transmitidas e são o produto de uma sequência completa de elaborações e mudanças que ocorrem no decurso do tempo e são o resultado de sucessivas gerações. Todos os sistemas de classificação, todas as imagens e todas as descrições que circulam dentro de uma sociedade, mesmo as descrições científicas, implicam um elo de prévios sistemas e imagens, uma estratificação na memória coletiva e uma reprodução na linguagem que,

invariavelmente, reflete um conhecimento anterior e que quebra as amarras da informação presente (MOSCOVICI, 2003, p.37).

A charge é um meio criado para que o chargista demonstre a oposição ou insatisfação da população sobre um determinado fato que pode ser uma interpretação, sob outro ponto de vista, da atuação da classe dominante ou pode representar uma resistência sobre a imposição da mídia a padrões, estigmas e estereótipos, ideais culturais de ser, inicia um processo naturalizado de ler o mundo.

Vale salientar que o chargista usa de artifícios gráficos para diferenciar a personagem da charge da pessoa real, mantendo-o oculto, mas que nos permitem reconhecer a personalidade representada, ele lança um discurso que o representado gostaria de manter oculto, entretanto, almeja atingir o real e sua função pública.

Como charge se designa, então, um traço que produz um personagem diferente do sujeito, tendo como objetivo marcar, através dessa diferença, sua identidade recíproca e essencial. [...] A identidade do sujeito, portanto, é produto da fissura no real e da ruptura com a razão, possibilitando a construção de um personagem marcado por uma diferença em relação ao sujeito, que torna transparente e verdadeiro, o que, antes, permanecia oculto. Essa relação de diferença entre os dois, além do real e fora da razão, identifica com veracidade – mas sem verossimilhança – um com o outro e um no outro. [...] Como charge se designa, finalmente, um discurso que emerge de uma ruptura com uma determinada situação real e que produz – através de um personagem diferente do sujeito – uma identidade entre eles, tornando visível, através do sentido, uma verdade que a razão oculta. A diferença produz sentido. (TEIXEIRA, 2005, p. 76-77).

Quanta à charge midiática, D. Kellner (2001), assim como R. Stam, reconhecem que a mídia veicula e reforça os discursos dominantes, aumentando os estereótipos e impondo à sociedade padrões da cultura de massa, entende também que esse é um espaço de disputa:

Afirmamos que a cultura da mídia é um terreno de disputa no qual grupos sociais importantes e ideologias políticas rivais lutam pelo domínio, e que os indivíduos vivenciam essas lutas por meio de imagens, discursos, mitos e espetáculos veiculados pela mídia (KELLNER, 2001, p. 10-11).

Diante desse contexto, a charge midiática vem mostrar a crítica através do humor dessa política com a finalidade que o leitor possa refletir sobre a realidade e desenvolver sua interpretação dos fatos e sua criticidade, formando sua identidade em oposição aos modelos dominantes.

6 ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

A pesquisa é de suma importância para a aprendizagem e para o sucesso de toda e qualquer profissionalização, com a pesquisa procuram-se respostas para as indagações propostas de forma que elas possam intervir na realidade observada, relacionando a teoria com a realidade vivenciada no cotidiano.

As questões norteadoras da pesquisa são as seguintes: A intertextualidade está presente no gênero charge midiática? Qual a função do intertexto na charge?

Como se identifica o fenômeno da intertextualidade na charge? A busca pelas respostas é o que move esta pesquisa, a fim de se compreender como o gênero charge midiática funciona na sociedade.

Esta pesquisa é de cunho qualitativo interpretativista, pois entende pesquisa qualitativa conforme Deslauriers (1991, p. 58),

Na pesquisa qualitativa, o cientista é ao mesmo tempo o sujeito e o objeto de suas pesquisas. O desenvolvimento da pesquisa é imprevisível. O conhecimento do pesquisador é parcial e limitado. O objetivo da amostra é de produzir informações aprofundadas e ilustrativas: seja ela pequena ou grande, o que importa é que ela seja capaz de produzir novas informações.

O corpus desta pesquisa é constituído por vinte charges retiradas da mídia por meio da internet, sendo utilizadas para análise quatro charges, conforme a seguir.

7 ANÁLISES

Foram analisadas quatro charges para mostrar os aspectos intertextuais nas charges midiáticas.

7.1 Análise da Charge 1

A charge seguinte faz uma intertextualidade com um trecho bíblico, uma forma de fazer uma crítica à violência no Brasil, pois é corriqueiro ver nas mídias relatos de assaltos, em que quase toda população já foi assaltada ou conhece alguém que foi assaltado.

A intertextualidade mostrada nessa charge explora o segundo nível definido por Bazerman (2006), que remete a casos em que temas sociais são apresentados em forma de discussão por intertextualidade externa e explícita, fazendo um discurso entre campos discursivos, o campo bíblico e o social, e explícito quando faz uma menção na íntegra do fragmento bíblico “não roubarás”.

Figura 1 – charge midiática



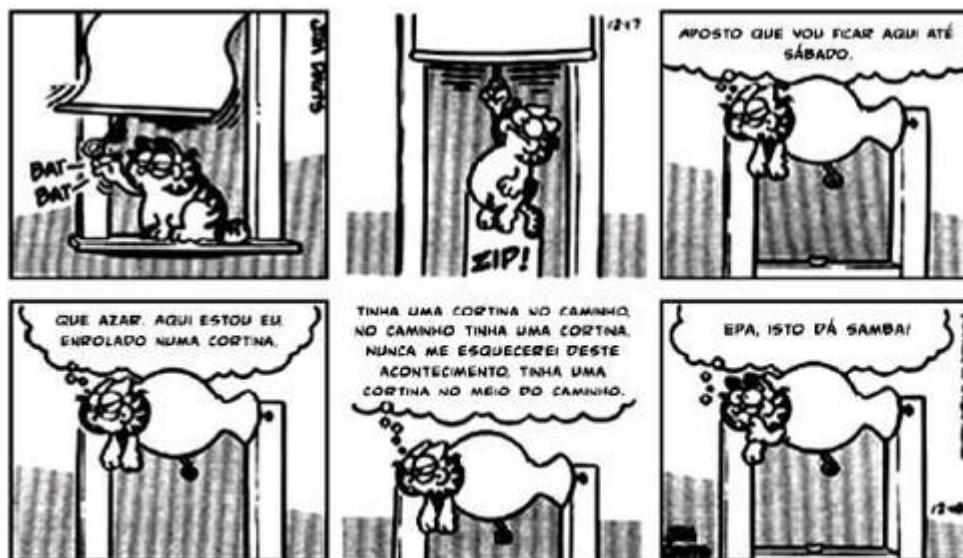
Fonte: questoes.grancursosonline.com.br/questoes-de-concursos/lingua-portuguesa-estilistica/396527. Acesso em: 16 jun. 2018

7.2 Análise da Charge 2

Percebe-se que a charge 2 apresenta a relação entre dois textos, caracterizada por um citar o outro, em que retoma uma parte ou a totalidade de outro texto, o texto fonte, dois textos que, apesar de distantes no tempo e no espaço, dialogam entre si, uma reflexão de caráter existencial e filosófica para provocar humor, tem como texto fonte o poema No Meio do Caminho de Carlos Drummond de Andrade, de 1930.

A charge 2 utiliza a intertextualidade externa e explícita, através do uso de um tipo reconhecível de gênero, o poema, e a técnica da citação direta para repetir um trecho da poesia de Drummond, enquanto dialoga e constrói os efeitos de sentido para o humor, pelo gato Garfield ter se enrolado na cortina, ao mesmo tempo faz uma ironia com o social, com o brasileiro que esquece dos problemas e tudo transforma em samba.

Figura 2 – charge midiática



DAVIS, J. Garfield, um charme de gato - 7. Trad. da Agência Internacional Press. Porto Alegre: L&PM, 2000.

Fonte: questoes.grancursosonline.com.br/questoes-de-concursos/lingua-portuguesa-estilistica. Acesso em 16 jun 2018.

7.3 Análise da Charge 3

A charge seguinte mostra a intertextualidade relacionada à notícias veiculadas pela mídia, na qual consta o Brasil na penúltima posição em um índice comparativo de desempenho educacional, os dados saíram do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa). A charge faz uma crítica aos índices divulgados na mídia em que o país demonstra ter um alto índice de alfabetização, no entanto, quando é feita uma prova para analisar o nível de aprendizado dos alunos, percebe-se que os alunos não sabem interpretar, analisar textos.

A charge 3 mostra a intertextualidade interna, que ocorre entre um discurso e aqueles do mesmo campo discursivo, o social.

7.4 Análise da Charge 4

A charge 4 mostra uma crítica social a respeito das políticas habitacionais, falta de moradia, a pobreza, em que muita gente compra um imóvel, mas não consegue pagar suas parcelas e acaba perdendo sua moradia. Faz uma intertextualidade com a fábula dos três porquinhos. Isso se percebe pelo cartaz à esquerda, que diz "Contos de Fadas Atualizados", e também pela imagem dos três porquinhos e do Lobo Mau, além da fala de um dos personagens que observa a cena.

Nessa charge ocorre a intertextualidade externa, ocorre um discurso social das políticas habitacionais com os discursos de campos discursivos de uma fábula famosa.

Figura 3 – charge midiática



O Estado de S. Paulo, 26 nov. 2007.

Fonte: questoes.grancursosonline.com.br/questoes-de-concursos/lingua-portuguesa-estilistica. Acesso em: 16 jun. 2018

A intertextualidade nas charges midiáticas é recorrente em charges de cunho social, utilizando a intertextualidade externa e implícita, em que as charges mostram um problema social como violência, pobreza, falta de moradia, política e educação precária, entre outras e, dessa forma, fazer um discurso relacionando um texto com outro texto de outro campo, usando trechos do texto original, invertendo o sentido do que fora enunciado para dar o caráter humorístico e irônico a charge, satirizando os desencontros e os conflitos sociais do país, consequentemente, fazendo com que o texto cumpra com a sua função social.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A charge midiática mostra acontecimentos reais do cotidiano da população, fazendo uma reflexão e uma crítica através do humor e, dessa forma, mostrar diversos fatores, tais como: a oposição e dominação de classe, padrões impostos pela sociedade e a política, entre outros.

Sugerimos que a charge midiática possa ser mais bem utilizada na abordagem do texto em sala de aula, o professor deve aproveitar os conhecimentos prévios que o aluno tem acerca do fato apresentado na charge, mediando a aprendizagem e desenvolvendo a sua autonomia, refletindo, assim, as questões de ordem social, por exemplo, e colaborando para o aluno desenvolver seu senso crítico, pois, segundo Moita Lopes (1996, p. 128), espera-se que a escola, como instituição, não forneça apenas instrumentos adequados ao contexto dos alunos, mas meios de instrução que estimulem a consciência crítica, refletindo habilidades que tenham cunho socialmente justificáveis. Assim, o professor deve incentivar o aluno, estimulando sua atenção e despertando o seu interesse.

Percebemos que a charge tem uma função social bastante marcada, que é despertar no sujeito a sua criticidade por meio de um humor, muitas vezes sarcástico, trazendo reflexão e posicionamentos políticos e ideológicos

REFERÊNCIAS

CHARAUDEAU, Patrick. *Sémantique de la langue, sémantique du discours. De la rupture à une communauté de pensée*. In: CARREIRA, Maria Helena Araújo. **Travaux et Documents**. Paris: Université Paris 8 Vincennes-Saint-Denis, 2005.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.

DESLAURIERS J. P. **Recherche Qualitative**. Montreal: McGraw Hill, 1991.

FIORIN, José Luiz. Polifonia textual e discursiva. In: BARROS, Diana L. de Pessoa e Fiorin, J.L. (orgs.). **Dialogismo, Polifonia e Intertextualidade**. São Paulo: EdUSP, 2003.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1999.

JENNY, Laurent. A estratégia da forma. In: **POÉTIQUE N° 27**. Coimbra: Almedina, 1979.

KELLNER, D. **A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Trad. Ivone Castilho Benedetti. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. SCHENEUWLY, B; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. e org. Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004.

MOITA LOPES, L. P. **Oficina de linguística aplicada: a natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de línguas**. Campinas: Mercado das Letras, 1996.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2003.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise do Discurso:** princípios e procedimentos, Campinas: Pontes, 2001.

REYES, Graciela. **Polifonia textual:** la citación em el relato literario, Madrid: Gredos, 1984.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa Social:** Métodos e Técnicas. São Paulo: Atlas, 1999.

TEIXEIRA, L. G. S. **Sentidos do humor, trapaças da razão:** a charge. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2005.

VALENTE, André. A intertextualidade nos discursos midiático e literário. *In:* PAULIUKONIS, Maria A. L. e Santos, Leonor W. dos (orgs.). **Estratégias de leitura:** texto e ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

VIGNER, G. Intertextualidade, norma e legibilidade. *In:* GALVES, Orlandi e Otoni (org.) **O texto:** escrita e leitura. Campinas: Pontes, 1988.